



A DOR SEM NOME

Andreas Trotta e Gabriel Braga em 'O Filho'

A depressão adolescente, uma doença invisível, ocupa o centro da trama de 'O Filho', que estreia nesta quinta-feira (13) em palcos cariocas, com Gabriel Braga Nunes, maria Flor e o jovem Andreas Trotta. Adaptado para o cinema em 2022, o texto faz parte de uma trilogia que tem ainda 'A Mãe' e 'O Pai', este último também teve versão cinematográfica e conquistou um Oscar.

Página 2

Fraturas familiares em modo global



Ronaldo Gutierrez/Divulgação

Dramaturgia do aclamado Florian Zeller, 'O Filho' chega aos palcos cariocas com Gabriel Braga Nunes, Maria Flor e o jovem Andreas Trotta



Divulgação

Maria Flor, Andreas Trotta e Gabriel Braga Nunes formam o núcleo principal da montagem de 'O Filho'

Florian Zeller e o Oscar conquistado por sua adaptação de 'O Pai' para o cinema

O francês Florian Zeller costuma dizer que não escreve para agradar. “Não escrevo o que as pessoas gostam, mas o que elas poderiam gostar”, repete o autor que, aos 46 anos, já foi chamado de “o dramaturgo mais emocionante de nossa época” pelo The Times. Isso antes mesmo de adaptar para o cinema “O Pai” (2020), filme que lhe rendeu o Oscar de melhor roteiro adaptado ao lado de Christopher Hampton, com Anthony Hopkins entregando uma das atuações mais devastadoras de sua carreira como um homem que perde o

“O sofrimento psíquico se tornou algo comum, que acontece com todos nós. Não é mais um tabu, não é frescura, é real”

MARIA FLOR

sentido de si mesmo.

“O Pai”, encenado este ano no Brasil com Fulvio Stefanini no papel-título, integra uma trilogia os espetáculos “A Mãe” e “O Filho” que observa essas figuras familiares sob prismas bem particulares. Se em “O Pai” o centro era a demência senil, e em “A Mãe”, a angústia da maturi-

dade, “O Filho” volta o foco para a depressão adolescente, uma doença invisível.

Nicolas tem 16 anos, parou de frequentar a escola, não vê sentido em nada. Filho de pais separados, deixa a casa da mãe para morar com o pai, numa tentativa de recomeço que revela sofrimento e incom-

preensão. A peça, montada em mais de 20 países e adaptada para o cinema em 2022 com Hugh Jackman e Laura Dern, chega agora ao Rio com estreia nesta quinta-feira (13) no Teatro Fernanda Montenegro, no Copacabana Palace, sob direção de Leo Stefanini.

O encenador pontua que a chegada de “O Filho” coroa um percurso iniciado por ele em 2018, quando conheceu o texto e decidiu que um dia o montaria. O caminho foi aberto pelo sucesso estrondoso de “O Pai”, vista por mais de 120 mil espectadores no país e que rendeu a Fúlvio Stefanini — pai de Leo — o Prêmio Shell de melhor ator. O próprio Florian Zeller reconheceu

o mérito da montagem brasileira, parabenizando a equipe em suas redes sociais. “Graças ao sucesso de ‘O Pai’, reconhecido pelo próprio Florian, foi muito legal podermos trazer ‘O Filho’, que também ambienta esse conturbado universo das relações familiares”, revela o diretor.

Gabriel Braga Nunes assume o papel do pai — o homem que se vê diante da impossibilidade de proteger o filho da própria mente. “É uma peça contemporânea e necessária”, destaca. Para ele, a obra também interpela a masculinidade e a dificuldade dos homens em lidar com a própria vulnerabilidade emocional. “Falta a nós, homens, mais escuta, mais afeto, mais atenção”, avalia Braga Nunes, que enxerga na peça um mecanismo de identificação imediata: “É um espetáculo que faz todo mundo repensar a sua família, até quem não tem filho.”

Maria Flor assume o papel da mãe — Anne, a mulher que vê o filho desabar sem conseguir detê-lo. Nas sessões de domingo. Mãe de Vicente, de 4 anos, Maria Flor reconhece que a maternidade redimensionou sua relação com o texto. “Acho que qualquer mãe que vê seu filho assim, sofre, se desespera. Como mãe, é uma experiência dolorosa ter que experimentar essa angústia. Mas como atriz, é um exercício bom visitar esses lugares emocionais. Acredito que o teatro, a arte, tem esse objetivo: destacar, iluminar assuntos difíceis e que precisam da nossa atenção”, comenta.

A atriz observa que o debate sobre saúde mental está na ordem do dia. “O sofrimento psíquico se tornou algo comum, que acontece com todos nós. Não é mais um tabu, não é frescura, é real”, argumenta.

“A depressão em adolescentes é tema fundamental na reflexão sobre nossa sociedade atual. Não faltam dados que comprovam o aumento exponencial de casos, em todas as classes sociais, em grande parte dos países do mundo”, reforça Leo Stefanini.

Zeller, que começou como romancista — seu terceiro romance, “A Fascinação do Mal”, recebeu o Prix Interallié e foi indicado ao Goncourt em 2004 —, constrói suas cenas entre a palavra e silêncios reveladores. A montagem brasileira, avisa Stefanini, opta por uma estética que ele define como “close”. “O público vai acompanhar um espetáculo em close, valorizando cada detalhe da trama através de seus olhares e expressões. Neste sentido, não há pirotecnia na cena. O cenário, a luz e a trilha seguem a sinteticidade proposta pelo texto”, explica.

SERVIÇO

O FILHO

Teatro Fernanda Montenegro (Copacabana Palace - Av. Nossa Senhora de Copacabana, 261) De 13/8 a 13/9, quinta a sábado (20h) e domingos (18h) Ingressos entre R\$ 100 e R\$ 50 (meia) e R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

MARCELO PERILLIER

A Escola Livre de Palhaço (Eslipa) apresenta o espetáculo gratuito “Coragem” no dia 15 de agosto, às 12h, no Largo do Machado, no Rio de Janeiro. A montagem é realizada sob orientação da mestra da palhaçada Fran Marinho e encerra o terceiro módulo do curso de formação, qualificação e aperfeiçoamento para palhaços e palhaças da instituição.

Com duração de quatro meses, o curso reúne atualmente mais de 20 artistas do Brasil e da América Latina. A formação conta com aulas ministradas por nomes como Glaucy Fragoso, Fran Marinho, Lili Castro e Ricardo Puccetti.

O terceiro módulo, batizado de Turma Ermínia Silva, será realizado entre os dias 10 e 14 de agosto. A programação inclui aulas de Fran Marinho, sobre palhaçada; Aline Bernardi, com a atividade “Improvisação: compartilhando espaços, presenças e escutas”; e Samir Jaime, que abordará “Dramaturgia para construção de números e cenas”.

O espetáculo “Coragem” será criado ao longo da semana de aulas e oficinas e apresentado ao público como encerramento do módulo.

Após a apresentação, haverá o lançamento de quatro livros, acompanhado de um bate-papo com as autoras. Entre as obras estão “Gags, clacs & cascatas: uma Biomecânica da Palhaçada”, de Eliza Neves; “Palhaços: multiplicidade, performance e hibridis-

Coragem, um espetáculo de arte e palhaçada

Peça será apresentada no Largo do Machado, dia 15 e faz parte do curso da Escola Livre de Palhaço



Atividade faz parte do terceiro módulo do curso de formação, qualificação e aperfeiçoamento para palhaços e palhaças

mo”, de Lili Castro; “Un Manual Absurdo: Una guía imperfecta para el oficio de ser humano”, de Nirvana Celeste; e “Somos Todos Rios: Uma vida de circo do asfalto”, de Raquel Lima, Fran Marinho e Douglas Marinho. Fran Marinho participará da conversa sobre o último título.

Com direção de Richard Riguetti, a Eslipa foi criada em 2012 com o objetivo de fortalecer a linguagem e a poética da palhaçada e da brincadeira no Brasil e na América Latina. A escola oferece atividades gratuitas de formação, qualificação e aperfeiçoamento na área.

Segundo a organização, a programação também busca dialogar com questões contemporâneas e valorizar a diversidade entre os participantes. “Nossa arte acompanha as discussões da sociedade, então as pautas identitárias serão bastante trabalhadas nos módulos e nos espetáculos pelos nossos mestres. Além disso, a nossa seleção de participantes buscou a diversidade”, afirma a direção.

Além das aulas de palhaçada e brincadeira, a Eslipa promove oficinas integradas e complementares de música, magia cômica, mímica, quedas e cascatas, história do circo, corpo afetivo, contato e improvisação, manipulação de objetos, gestão cultural, elaboração de projetos, palavra em verso, dramaturgia, filosofia e teatro.

As aulas são realizadas de segunda a sexta-feira, na Escola Nacional de Circo, na Praça da Bandeira. Aos sábados, as apresentações da escola acontecem no Largo do Machado.

NA RIBALTA

POR MARCELO PERILLIER

Clarissa Ribeiro



Uma amizade fora da coleira

Em um mundo cada vez mais frenético, pequenos afetos podem ressignificar a vida. Assim pode ser resumida a peça “Vida de Cão – Uma Amizade Fora da Coleira”, em curtíssima temporada no Teatro Café Pequeno, no Leblon. Com apresentações às terças e quartas, às 20h, até o dia 26 de agosto, o espetáculo apresenta uma amizade inesperada entre um homem e um cão, que na rotina do dia a dia, ficam mais conectados a cada momento em que estão juntos. Uma peça que convida o público a refletir sobre vínculos, empatia e conexão com o outro.

Hernane Cardoso



A Bruxinha que Era Boa

Um dos teatros mais consagrados do Rio, O Tablado, da Lagoa, completa 75 anos celebrando uma das peças de sua fundadora, Maria Clara Machado: “A Bruxinha que Era Boa”. Com direção e adaptação de Cacá Mourthé, a nova montagem conta com novidades, como nas músicas originais assinadas por Lincoln Vargas. O espetáculo trata o embate entre bem e mal, com humor e poesia, invertendo a lógica das bruxas, revelando como a bondade pode ser vista como defeito em ambientes tóxicos, abordando temas como preconceito e bullying.

João Pedro Hachiya



Dora e as surpresas da vida

Uma das grandes referências da comédia brasileira, Grace Gianoukas protagoniza “Dora”, uma mulher que passou décadas cuidando dos outros, da família, preservou suas histórias, assumiu responsabilidades até quando suas certezas começam a perder o lugar e ela a se perguntar o que evitou durante toda a vida. O espetáculo toca na seguinte pergunta: quantas escolhas fizemos para atender aos outros? “Dora” é uma celebração de tudo o que ainda pode começar, mesmo achando que o tempo ainda está tarde para recomeçar.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

S seja lá qual for a escolha do diretor belga Fabrice Du Welz, o presidente do júri do 79º Festival de Locarno, ao anunciar, neste sábado, quem levará o Leopardo de Ouro de 2025, o Brasil já pode celebrar a consagração internacional da diretora de fotografia Luciana Baseggio como artesã da luz, pois seu trabalho em “A Margem do Rio” é notável. De tudo o que se viu até o momento na disputa do evento suíço, marcada por invenções lúdicas (a fantasia chilena “Princesa Burro”) e painéis da força feminina (o drama “Brave New Love”, da Dinamarca), os enquadramentos arquitetados por Luciana, no thriller queer de Enock Carvalho e Matheus Farias, desafia convenções testadas (e aprovadas) historicamente na seara do suspense. É um elogio ao desejo, que peita interditos morais no retrato por um Nordeste cercado de elementos místicos em seu mangue, onde a mais temível assombração é o avanço de seitas religiosas neopentecostais conservadoras. A artesanaria de sua fotógrafa já havia impressionado a Europa em 2025, com “Ato Noturno”, uma das sensações da Berlinale do ano passado, que valeu a ela um troféu Redentor no Festival do Rio. Locarno só fez referendar e espichar sua consagração.

Numa narrativa sinestésica de flerte com o mistério, “A Margem do Rio” segue os passos de Izaquiel (Caique Copque), um auxiliar de serviços gerais do Recife.



Izaquiel (Caique Copque) se prepara para a rotina numa seita religiosa conservadora em A Margem do Rio

Mangue vivo... e sensual

O thriller queer ‘A Margem do Rio’ passa pela competição de Locarno demarcando a força criativa da fotografia Luciana Baseggio, numa atmosfera de mistério que celebra o desejo

Num recorte dessa cidade com foco em rotas fluviais e manguezais, o rapaz se aventura perigosamente, noite após noite, em encontros secretos com outros homens. Numa dessas investidas em busca de goza, tromba com o pescador de ar sedutor Jeremias (Ítalo Martins, ator em

fase de apogeu em sua arte). O flerte entre eles deixa o jovem zelador magnetizado pelo querer. Durante o dia, contudo, a encantaria do sexo vai embora e dá vez a uma rotina laboral capitalista opressora, no momento em que Izaquiel é escalado para trabalhar na sede de um culto

evangélico cujo líder é um pastor boquirroto, que não aceita ver piercings na orelha de seu funcionário, nem tolera ver unhas pintadas nas mãos de seus serviçais. Essa figura, com ares de senhor feudal, que lembra o bispo mau de “O Feitiço de Áquila” (1985), é vivido com bri-

lhanismo por Robério Diógenes, o delegado “imperfeito” de “O Agente Secreto” (2025).

Na montagem taquicárdica feita pelo próprio Matheus Farias, com Will Domingos, à medida que Izaquiel se vê acochado por minions fanáticos, Jeremias o convida a uma jornada rumo às profundezas do coração do manguezal. A forma como essa conexão dos dois é narrada por sua dupla de realizadores (antes conhecida pelo curta “Inabitável”) lembra o cult “Um Estranho no Lago” (2013), de Alain Giraudie. O design (e a edição) de som de Daniel Turini e João Victor Coura é outro êxito do concorrente nacional ao Leopardo de Locarno.

A presença brasileira em Locarno aumenta nesta quarta, agora na mostra Cineasti del Presente, voltada para primeiros e segundos longas, onde Ana Vaz apresenta “Hanabi” (“Fire Flower”), sobre o terremoto no Japão, reafirmando sua posição entre as vozes mais experimentais do cinema contemporâneo.

Um ‘bromance’ sobre quatro rodas

Depois de atropelar produções carregadas de grifes autorais mais consagradas, “Petrolheads” deixa Locarno com fama de pop, angariando silenciosamente convites para outras mostras. Exibido na Semaine de la Critique de Locarno, a produção escandinava faz da amizade sua matéria poética, numa reflexão sobre companheirismo. Diretor de fotografia de vasta quilometragem profissional, o dinamarquês Emil Langballe, 43 anos, transforma a relação entre Martin Jensen (seu irmão adotivo) e Casper Størner num estudo minucioso sobre o que significa cuidar de alguém. Martin, diagnosticado desde os 9 anos com condições severas, sonha com um Honda Civic 1994



Casper, Martin e o carro que os une em Petrolheads

e divide com Casper sua paixão obsessiva por carros.

“Casper sempre foi, de certa forma, o cuidador de Martin”, disse Emil ao Correio da Manhã, em

entrevista concedida via Zoom. Há um desequilíbrio nessa relação, mas também uma franqueza rara: eles brigam, confrontam-se e resolvem os conflitos sem guardar

ressentimentos. O carro, espaço íntimo onde os dois conseguem conversar sem precisar se encarar, torna-se extensão dessa cumplicidade. “Fiquei muito tocado

pela importância de ter um bom amigo com quem você possa falar sobre tudo, especialmente quando as coisas dão errado”, afirma o cineasta. É aí que “Petrolheads” amplia o conceito de bromance, o amor entre parças, para investigar algo mais complexo: solidariedade. A amizade de Martin e Casper não é idealizada nem confortável, mas resiste justamente por ser direta. Emil, diretor de “Q’s Barbershop” (2019) e de “Theatre of Violence” (2023), leva ao longa uma experiência visual que também dialoga com seus trabalhos anteriores. O resultado é um retrato do afeto entre dois homens que se protegem enquanto tentam sobreviver às próprias limitações. (R.F)

O muro real que a Alemanha não derrubou

Em ‘Tomorrow a Long Time Ago’, uma das atrações mais esperadas da reta final de Locarno, a diretora Luise Donschen revisita os fantasmas da reunificação alemã, num prisma de encanto



Gerti Drassl vive a acumuladora Patti na produção germânica que invade Locarno nesta sexta

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A Alemanha ainda tenta entender os fantasmas da reunificação, 36 anos depois de a queda do Muro de Berlim ter transformado radicalmente milhões de vida, alterando a solidez financeira de um território conhecido como “o motor da Europa”. É desse trauma, e da capacidade de seguir em frente quando tudo ao redor parece ruir, que nasce “Tomorrow a Long Time Ago” (“Morgen

vor langer Zeit”), uma das surpresas da reta final do Festival de Locarno. Em competição na seção Cineasti del Presente, o drama de tons líricos da realizadora berlinesa Luise Donschen transforma a história recente de seu país numa viagem de delicadeza desconcertante, acompanhando Patty, uma mulher de 50 anos. Interpretada magistralmente por Gerti Drassl, ela fica sem emprego e perde, de lambuja, uma grande amiga, passando a colecionar objetos descartados – como sublimação de suas mágoas – até que seu próprio apartamento se torne inacessível. Quando já não consegue entrar em

“Cinema não é reduzir, mas lançar muitas coisas para o espectador e torná-lo sensível a detalhes que normalmente não percebemos na vida cotidiana”

LUISE DONSCHEN

casa, ela parte para uma floresta, iniciando uma jornada que atravessa paisagens, memórias e a própria ideia de pertencimento.

Donschen conheceu aquele “antes” e “depois” ainda criança. Nascida e criada em Berlim, testemunhou os efeitos da reunificação dentro da pró-

pria família, embora reconheça que sua experiência tenha sido menos traumática do que a de muitos habitantes da antiga Alemanha Oriental. Seus pais perderam os empregos, mas seu pai pôde atravessar para Berlim Ocidental em busca de trabalho. O que mais marcou a diretora, con-

do, foi a metamorfose dos objetos ao seu redor. “Foi a primeira vez na minha vida em que percebi que alguma coisa podia existir como um ‘antes’ e um ‘depois’ na realidade alemã”, contou ao Correio da Manhã. “Aquilo que você tinha acabado de usar passava a ser considerado velho e era jogado fora, porque todos queriam coisas novas. Isso ficou muito marcado para mim, ainda criança.”

É justamente nessa relação entre pessoas e coisas que Patty se torna uma espécie de cápsula humana da Alemanha pós-1990. Ela recolhe o que os outros descartam, mas não fica aprisionada ao passado. Ao contrário: sua trajetória é feita de partidas. “Sempre descrevi Patty como uma bola: ela consegue seguir adiante, deixar coisas e pessoas para trás. Ao mesmo tempo, ela coleciona objetos”, explicou Luise. Para a cineasta, essa aparente contradição é essencial. Patty não acumula porque não consegue se desfazer das coisas, mas porque enxerga valor naquilo que o mundo decidiu abandonar. “Isso vale para objetos, árvores, animais, pessoas. E, mesmo assim, ela consegue deixar tudo para trás.”

A solidão, portanto, não aparece em “Tomorrow a Long Time Ago” como uma sentença. Pode ser dolorosa, mas também oferece liberdade. Patty está sozinha porque perdeu pessoas, trabalho e referências, mas é justamente nesse vazio que começa a se movimentar. Donschen evita explicar psicologicamente sua protagonista, preferindo deixar que a atriz construa a personagem através de gestos, silêncios e pequenas alterações de comportamento. “Cinema não é reduzir, mas lançar muitas coisas para o espectador e torná-lo sensível a detalhes que normalmente não percebemos na vida cotidiana”, afirmou. “Não estou feliz com a Alemanha atual”, admite. “Preocupa-me o crescimento da direita em tantos países europeus, a violência entre as pessoas e o enfraquecimento das questões sociais.”

Nesse sentido, a jornada de Patty ganha uma dimensão que ultrapassa sua história individual: é também a de um país que tenta descobrir como continuar caminhando depois de ter perdido uma parte de si.

“Guerrilha no Asfalto”: Pavio lusitano

Um dos diretores mais inquietos do cinema independente português da atualidade, com joias como “The Nothingness Club – Não Sou Nada” (2023) no currículo, Edgar Pêra dividiu créditos de direção de um filme sem segmentos, “3x3D”, com duas lendas: Jean-Luc Godard (1930-2022) e Peter Greenaway. Seu nome, nos festivais europeus que buscam ousadia, é sempre bem-vindo, em especial naqueles, como Locarno, que não toleram narrativas feitas com base em algoritmos. É lá, em telas suíças,

que nasce sua nova criação, “Guerrilha no Asfalto”, com base em livro homônimo de Manuel Ricardo de Sousa, integrante de uma organização política de guerrilha que acabou linchado por uma multidão após um assalto a banco. Desses relatos se constrói uma expressão poética que é reflexiva sobre o próprio ato de filmar.

“Toda memória tem como alicerce um pensamento sobre o futuro. Sempre olho para o que estou a filmar como se fosse uma memória instantânea. Ou seja, um filme que



Guerrilha no Asfalto retrata a violência portuguesa com desconstruções

está porvir é uma construção de memórias que só serão encaradas como tal, e decifradas, anos depois. No caso desse filme, que fala de um tempo de radicalismo, parti do desejo de fazer uma prosa e acabei por fazer poesia. Poesia é o espectro em torno uma palavra que nunca será capaz de nomear”, explica o cineasta, que esmiúça sua mirada sobre pretéritos nada perfeitos na fotografia de Jorge Quintela. “Nossa violência, em Portugal, é um tanto amadora, e eu falo dela a explorar seu lado caricato”. (R.F.)

CRÍTICA FILME | HONESTINO

POR RODRIGO FONSECA



Luciana Melo

Um filme que fere a (in)dignidade dos isentões

Existe um cinema fascinante, que consegue a um só tempo ser personalista e territorial, capaz de radiografar pessoas (ao âmago existencial) e mapear os ambientes existenciais onde se esgueiram que, a partir desta quinta-feira, vai ganhar holofotes à altura de sua grandeza: a usina de narrativas de DNA amazonense (apesar do CEP paulistano) chamada Aurélio Michiles. Dick Tracy de Manaus, ele não usa gestos bruscos, gravitando no docudrama com a sobriedade de quem quer preservar matrizes de arquivo e registros factuais dos tornados da fabulação. Ao mesmo tempo, encena reconstituições ficcionalizadas com cargas quase brechtianas de distanciamento, sem se deixar levar por uma épica de catarses. Seu novo filme, “Honestino”, estreia nesta semana, merecendo (com loas) o posto de melhor documentário brasileiro do ano. Até agora, nada que chegou ao circuito no registro documental (e teve muita coisa boa, vide os recentes “Anatomia do Caos” e “A Noite de Aláide”) bate esse mergulho nos anos de

chumbo, coroado com o prêmio de Melhor Montagem no Festival do Rio de 2025. Pode ser que os longas de Sabrina Fidalgo e Susanna Lira, que hão de se tornar conhecidos no Festival de Gramado, a partir desta sexta, venham a destronar Michiles do pódio. Um, “O Projeto”, flagra as chagas do racismo e, o segundo, “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade”, biografa um trovador de ousadias. Muito se espera de ambos, assim como muito era exigido do realizador de “O Cineasta da Selva” (1997), em sua revisão da ditadura, e ele foi além das expectativas.

Festival do Rio de 2025. Pode ser que os longas de Sabrina Fidalgo e Susanna Lira, que hão de se tornar conhecidos no Festival de Gramado, a partir desta sexta, venham a destronar Michiles do pódio. Um, “O Projeto”, flagra as chagas do racismo e, o segundo, “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade”, biografa um trovador de ousadias. Muito se espera de ambos, assim como muito era exigido do realizador de “O Cineasta da Selva” (1997), em sua revisão da ditadura, e ele foi além das expectativas.

Em 2026, a Não Ficção nacional ainda procura um fenômeno de

público. Até agora, a maior receita desse registro narrativo pertence a “Zico, o Samurai de Quintino”, de João Wainer, que levou cerca de 35 mil espectadores às salas. É um número expressivo num mercado que tem encontrado dificuldades para aliar excelência estética a lucros altos. Aliás, nada, mesmo no âmbito ficcional, feito aqui funcionou na venda de ingressos como esperado, com “Velhos Bandidos”, de Claudio Torres, a encabeçar o pódio com cerca de 430 mil pagantes. “Honestino”, porém, chega com fôlego, embalado em críticas derramadas. Trata-se de um filme que não apenas recupera um personagem histórico, mas encontra uma linguagem própria para fazer o passado voltar a respirar.

É difícil falar dele sem citar o paraibano de Itabaiana radicado no DF Vladimir Carvalho (1935-2024), que tratou do mesmo universo em “Barra 68” (2000). Seu melhor .doc, “País de São Saruê” (1971), foi vetado de todas as formas pelos militares com uma tarja letal: “este filme fere a dignidade nacional”. No caso de “Honestino”, ele fere indignidades. Sobre tudo as

de quem se define como “isentão” — leia-se “a classe média no geral”.

Um dos últimos registros anexados à ficha do estudante Honestino Monteiro Guimarães (1947-1973) no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) data de 7 de fevereiro de 1975. O documento reproduzia um comunicado do Ministério da Justiça da ditadura brasileira, empenhado em desqualificar a memória do militante da Ação Popular (AP), tratado como “subversivo” e apresentado como alguém que estaria “foragido”. Era uma tentativa burocrática de converter um desaparecido em culpado. Michiles faz o movimento oposto: devolve humanidade ao homem que o Estado tentou apagar.

Honestino ingressou em Geologia na Universidade de Brasília, em 1965, e tornou-se uma das figuras centrais do movimento estudantil brasileiro. Depois do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em dezembro de 1968, passou à clandestinidade, vivendo em São Paulo com sua companheira, Isaura. Entre 1969 e 1971, acumulou a militância na AP com a direção da União Nacional dos Estudantes (UNE). No fim de 1971,

transferiu-se para o Rio de Janeiro. Tinha 26 anos quando foi preso por agentes do Centro de Informações da Marinha (Cenimar). Desde então, permanece desaparecido.

A operação de Michiles é particularmente poderosa porque o desaparecimento é um tema recorrente de sua filmografia. Em “O Cineasta da Selva”, o diretor investigou a memória de Silvino Santos; em “Tudo por Amor ao Cinema” (2014), voltou-se para os mecanismos de preservação da cinefilia, falando de Cosme Alves Netto (1937-1996) na direção da Cinemateca do MAM; em “Segredos do Putumayo” (2020), seguiu as pegadas de um genocídio a fim de expor criminosos. “Honestino” articula essas preocupações: há familiares, amigos e companheiros de militância reconstruindo a trajetória do personagem, mas há também um corpo que precisa ser devolvido à História.

Esse corpo é o de Bruno Gagliasso, cuja atuação constitui uma das grandes surpresas do filme. É, de longe, a melhor atuação do ano, nas telonas, entre o que já foi lançado (quando “Feito Pipa” estreou a gente refaz os cálculos). De uma inflamabilidade contagiante, o ator não procura simplesmente reproduzir Honestino, mas encarná-lo como presença, memória e ausência. Seu desempenho é físico, espiritual e, ao mesmo tempo, cheio de dúvidas. Gagliasso compreende que a tarefa não é fabricar um herói sem fissuras, mas recuperar um jovem que viveu as contradições de seu tempo. O resultado é uma interpretação que dá ao filme uma dimensão quase ritual: o desaparecido retorna não como estátua, mas como homem.

O cárcere se transforma, então, em arena política e espaço de encenação. A edição premiada de André Finotti costura documentos, depoimentos, silêncios e imagens com ritmo tão taquicárdico quanto os dos thrillers políticos de Costa-Gavras (“Z”), fazendo da fragmentação um veio de expressão. Michiles sabe que, em regimes autoritários, a comunicação também pode ser uma trincheira. Cada palavra recuperada, cada documento confrontado, cada lembrança familiar funciona como uma pequena vitória contra o apagamento.

A trilha de Flávia Tygel evita a tentação de sublinhar sentimentos, criando antes uma atmosfera para a memória, enquanto a fotografia de André Lorenz Michiles aposta em cores intensas. É uma escolha coerente com o projeto: “Honestino” não quer parecer um documento envelhecido sobre um período sombrio, mas um filme vivo sobre uma ferida que ainda não cicatrizou. Até porque o Brasil continua discutindo o que fazer com os fantasmas de sua ditadura. Conta com filmes notáveis para isso.

Ewan McGregor enfrenta dinossauros no thriller 'O Fim da Rua'



Warner Bros. Pictures

Protagonista de “O Fim da Rua”, suspense à la Steven Spielberg, revela o que o atraiu para o projeto

PEDRO SOBREIRO

O que você faria se sua rua fosse tomada por dinossauros famintos, após um clarão misterioso deixar seu bairro sem luz, água e telefone? É partindo desta premissa que “O Fim da Rua” constrói sua trama. Misturando suspense e ficção científica, o longa chega nesta quinta-feira (13) aos cinemas de todo o Brasil.

Produzido por J.J. Abrams (Lost), o filme foi escrito e dirigido por David Robert Mitchell (O Mistério de Silver Lake), que sempre sonhou em fazer um filme de dinossauros por conta da paixão, que compartilhava com o pai, pelos lagartos pré-históricos. Então, quando surgiu a oportunidade, ele não pensou duas vezes antes de aceitar.

A trama se passa em uma cidade dos EUA, em 1982, e acompanha a família Platt. Após um evento misterioso, os dinossauros do período jurássico aparecem no bairro, tocan-



Daniel McFadden

“O que me atraiu em ‘O Fim da Rua’ foi o fato de ser uma leitura inesperada, um roteiro insano de ler. No começo parecia uma espécie de filme de família do Spielberg dos anos 1980”

EWAN MCGREGOR

do o terror e atacando os moradores da rua. Então, os Platt precisam se unir para tentar sobreviver a essa insanidade.

O longa tem como protagonistas os chefes da família Platt, Greg e Denise, interpretados por Ewan McGregor e Anne Hathaway, respectivamente. Eles estão em um momento de crise no relacionamento e temem que isso afete a vida dos filhos. Para McGregor, essa temática, que remonta aos filmes do lendário Steven Spielberg, foi o que o convenceu a embarcar no projeto.

“O que me atraiu em ‘O Fim

da Rua’ foi o fato de ser uma leitura inesperada, um roteiro insano de ler. No começo parecia uma espécie de filme de família do Spielberg dos anos 1980, e eu não sabia aonde ia dar. Mas o que eu gostei foi que havia algo estranho no casal, certa infelicidade no casamento em meio a essa vida perfeita dos anos 1980, essas vibes tipicamente americanas. Você tem a sensação de que eles estão tendo dificuldades, que há algo acontecendo com o casamento em si, mas não sabemos o que é, era intrigante”, comentou o ator, com exclusividade, ao Correio da Manhã.

Mas é inegável que o maior chamariz para o grande público é a presença dos dinossauros. Esses personagens incomuns trouxeram ao filme oportunidades para criar momentos que transcendem a ficção e o suspense, como um humor mais pesado e um curioso senso de aventura que acompanha a família nessa jornada pela sobrevivência.

“Quando chegaram os dinossauros... Eu não conseguia acreditar no que estava acontecendo enquanto lia [o roteiro]: lutar pela vida, ser perseguido por um dinossauro enorme e implacável é infinitamen-

“O Fim da Rua” traz uma família americana dos anos 80 tentando sobreviver a uma invasão jurássica em seu bairro

O diretor David Robert Mitchell se inspirou na paixão que compartilhava com o pai por dinossauros para escrever e comandar essa trama

te divertido de se ver e fazer. Toda vez que a família sai, tem que lutar pela vida, mas também há humor em tudo isso, tem momentos de fato engraçados”, completou Ewan McGregor.

Inspiração nos anos 80

Para criar Greg, Ewan McGregor e o departamento de maquiagem embarcaram de corpo e alma na estética americana da década de 1980. Dessa forma, o chefe do departamento de cabelo, John Tarro, chegou ao set com uma inspiração clara para o penteado de Greg Platt: o mesmo corte de cabelo de Harrison Ford, o eterno Indiana Jones, que ficou imortalizado como herói das aventuras e suspenses dos anos 70 e 80. O mais curioso disso tudo é que Ewan McGregor chegou para a preparação levando uma imagem como referência de como ele imaginava que seria seu Greg. A foto era justamente a de Harrison Ford.

Ao mesmo tempo, o time de figurino tinha em mente que Greg seria um pai comum dos anos 80, então apostou em figurinos básicos inspirados na época. E como o longa é composto por diversas cenas de ação, a equipe não foi atrás de peças originais da época. Eles estudaram ao máximo imagens dos anos 80 para confeccionar do zero camisas, calças, bermudas e sapatos idênticos aos daquele período.

E esse apego aos anos 80 é parte fundamental da trama, porque ajuda a construir limitações da época que influenciam diretamente na jornada dos Platt pela sobrevivência, criando um dos filmes mais curiosos e divertidos de 2026.

A vida indígena nos traços de Yacunã Tuxá

Exposição, na Caixa Cultural, extalta a mulher como raiz profunda da terra, sustentando histórias de resistência, cuidado e reinvenção



Obra Aldeira viva para sempre

POR MARCELO PERILLIER

A ancestralidade, a memória e a força das mulheres indígenas estão no centro de Toda Árvore Tem Raiz, primeira exposição individual da artista indígena Yacunã Tuxá. A mostra reúne mais de 25 obras em diferentes linguagens e ocupa a CAIXA Cultural RJ, com visitação gratuita até 20 de setembro.

Realizada em torno do Dia Internacional dos Povos Indígenas, celebrado em 9 de agosto, a exposição apresenta trabalhos que transitam entre pintura, fotografia, poesia, muralismo, escultura, lambe-lambe, vídeo mapping e performance. Nascida no povo Tuxá de Rodelas, na Bahia, Yacunã constrói, a partir dessas diferentes linguagens, uma narrativa sobre suas origens, sua ancestralidade e as experiências das mulheres indígenas.

“A exposição tem o meu compromisso com a memória e o pertencimento. É um bonito convite para as pessoas mergulharem na minha história e se identificarem também, porque ela retrata mulheres indígenas em diferentes contextos, a força irrefreável que há nestas mulheres e no povo indígena, mas que nem sempre fica evidente”, afirma a artista.

Com curadoria de Naine Tereza e Vera Nunes, em diálogo com Yacunã, a mostra estabelece uma relação entre referências da identidade indígena e elementos dos contextos culturais não indígenas. O percurso expositivo foi concebido para proporcionar uma experiência imersiva e estimular reflexões sobre os atravessamentos vividos por corpos indígenas, seus territórios e sua espiritualidade.

Estreada em Salvador, a exposição acompanha a trajetória de Yacunã, marcada por deslocamentos forçados e resistência. A artista vem consolidando uma produção que articula ancestralidade, política e imaginação urbana. Seu trabalho já passou por instituições como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), a



Yacunã Tuxá na abertura da exposição, que foi no domingo, Dia Internacional da dos Povos Indígenas



Obra Retrato de uma mulher Xukuru



Obra Olhar da terra

Pinacoteca de São Paulo e o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab).

Nas obras reunidas na CAIXA Cultural RJ, linguagens analógicas e digitais se encontram para abordar temas como memória, identidade, urbanidade e território. A metáfora das raízes funciona como fio condutor da exposição, representando histórias individuais e coletivas e a relação entre passado, presente e pertencimento.

“É uma exposição que fala sobre experiência humana, é uma forma de as pessoas se conectarem com suas avós, com as mulheres de suas vidas, de territórios muito particulares, entender a casa como espaço de resistência, primeiro museu, onde a gente se reconhece nas histórias daqueles que vieram antes da gente. É um elo de identificação e aproximação”, diz Yacunã.

Entre os elementos simbólicos presentes na mostra estão o rio, a canoa e a Jurema, planta sagrada que atravessa o conjunto de obras como um eixo espiritual e político. Nesse universo, o feminino indígena aparece como elemento estruturante, associado às raízes profundas da terra e às histórias de resistência, cuidado e reinvenção.

Para a artista, a diversidade de técnicas e formatos também é uma forma de evidenciar a multiplicidade das experiências indígenas.

“É impossível sintetizar a pluralidade subjetiva das existências indígenas”, destaca Yacunã Tuxá. “Entre aldeia e cidade, com as mãos moldando o barro ou segurando uma filmadora, a presença dessas mulheres, ao longo da história, articulou e articula resistências variadas, algumas até invisíveis, mas todas potencialmente criativas e transformadoras”, afirma.

Ao reunir diferentes linguagens e perspectivas, Toda Árvore Tem Raiz propõe um mergulho nas relações entre memória, território e identidade. A exposição transforma a trajetória da artista e as histórias das mulheres de sua ancestralidade em ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre pertencimento e resistência.